ESCOLA CIDADÃ: TECENDO UM AMBIENTE MAIS ALEGRE, BELO E PRAZEROSO

CÉZAR, Neura – UFMT– <neurafma@yahoo.com.br>[1]
PASSOS, Luiz Augusto – UFMT – <passos@ufmt.br>[2]

Resumo
O presente trabalho é uma comunicação sobre a pesquisa[3], realizada por mim e, tem como objetivo refletir acerca da escola cidadã com o olhar na efetivação da cidadania, das relações significativas e da ludicidade. A educação é um processo que permite à pessoa tornar-se cidadã, comprometida com a transformação de si e da sociedade. Destacam-se nessas premissas a importância da escola cidadã como espaço propício para despertar a curiosidade, realizar descobertas, construir atitudes de deslumbramento diante do mundo, a fim de formar cidadãos que busquem a superação das práticas de violência via educação, atentos a uma convivência mais humana. Toda educação implica comprometimento. Esta constatação confirma que a Escola Cidadã é um projeto de ousadia e para sua efetivação faz-se necessário a participação de todos na concretização da cidadania plena.
Palavras-chave: Escola Cidadã; Cidadania; Ludicidade; Ética nas relações.

Abstract
This work is a link between the research, done by me, and its aim. It is about the citizen school focusing on the real purpose of citizenship, the real relationship and ludicity. Education is a process that allows people being citizens, engaged to the transformation of themselves and the society. We try showing up in these lines the importance of citizen school as a proper space to wake up the curiosity, realizing discoveries, constructing aptitudes of facing the world intending to have citizens who look for the overcoming of violence skills through the education, trying to have a better human relationship. Every kind of education gets commitment. This point shows that the citizen school is a project of daring and, for getting the right point, it is necessary the participation of everybody intending the full citizenship.
Keywords: Citizen School; Citizenship; Ludicity; Ethics in the relationships

---

[1] Pesquisadora mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso.

[2] Professor pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso.

[3] O presente trabalho é parte da pesquisa "*Violência simbólica nos rituais legitimadores dos processos escolares Fenômeno Bullying no ambiente escolar*", vinculada ao Projeto integrado Saberes e Práticas da Educação Popular nos Movimentos Sociais em Mato Grosso, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (FAPEMAT), Linha de Pesquisa Movimentos Sociais e Educação, sob a orientação do Professor Dr. Luiz Augusto Passos.

Introdução

O presente trabalho é uma comunicação oral acerca da pesquisa, realizada por mim na Universidade Federal de Mato Grosso, tendo como título *Violência Simbólica nos Rituais Legitimadores dos Processos Escolares – Fenômeno Bullying no Ambiente Escolar*. Procura compreender as manifestações da violência simbólica e do fenômeno *bullying* nas práticas da comunidade educativa da escola pública "*Escola dos Saberes*"[4], compreendendo que essas práticas abrangem e permeiam todas as relações existentes, arraigadas nos relacionamentos, no processo de ensino-aprendizagem, buscando favorecer um educar para a paz que transforme uma sociedade agressiva e violenta em uma sociedade justa, solidária e feliz.

A discussão apresentada é um novo recorte teórico, retirado dos resultados parciais da pesquisa de campo e faz referência à coleta de dados em andamento e ao trabalho em construção. Estas são mediações teóricas de outra natureza que podem ser aplicáveis à especificidade da Escola Cidadã.

A escola cidadã é herdeira da concepção de educação popular formulada no segundo momento da história educacional brasileira. Busca re-significar as práticas do ensino tradicional, desenvolver consciências críticas e ao mesmo tempo, incentivar o diálogo, a ludicidade e o debate, a fim de proporcionar situações significativas de aprendizado do raciocínio lógico, plural e aberto às diferentes perspectivas, especialmente entre os alunos adolescentes.

Gadotti (2004)[5] evidencia que "[...] a educação cidadã, era o último sonho de Paulo Freire". No livro "Pedagogia do Oprimido", visualizamos a incansável luta de Freire pela concretização de uma educação voltada à cidadania, concebida como espaço de expressão da alegria, da curiosidade, do espanto e da dinamicidade. Lugar propício para despertar atitudes de deslumbramento diante do mundo, fazer comparações analógicas, buscas e descobertas.

A Escola Cidadã possui um processo dinâmico. É um permanente aprendizado do educador e do educando. Todos são "aprendizes e ensinantes". Neste espaço é necessário ter o cuidado de viabilizar o prazer do envolvimento. A pessoa precisa se sentir co-participante. Esta é a condição essencial para a pertença afetiva e efetiva.

---

[4] Nome fantasia dado ao ambiente escolar para que a mesma não venha a sofrer preconceitos em relação aos problemas enfrentados.

[5] Em entrevista sobre *Paulo Freire, Educação e Esperança* à Revista do ISEP: Fórum Critico da Educação – Programa de Mestrado em Ciências Pedagógicas. v. 3 n. 1, out/2004 – ISSN (On-line – 17.07.2008)

Assim, a escola favorecerá a cidadania, a partir da gestão democrática, da ética do companheirismo e solidariedade, rompendo a superficialidade nas relações, do mesmo modo, que constrói relações significativas, dialogantes e solidárias.

A boniteza visualizada por Freire (1997), pode se tornar parte da educação e se instalar definitivamente na escola. Vivenciar de forma plena a cidadania no ambiente escolar significa mudá-lo, transformá-lo. Significa lutar para melhorar, incrementar e aprofundar a transformação. Streck (2008)[6] reforça essa concepção ao afirmar que,

> Escola é... é sobretudo, gente, gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece, se estima. Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar, é também criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem, é conviver, é se "amarrar nela"! Ora, é lógico [...] numa escola assim vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer, fazer amigos, educar-se, ser feliz (STRECK, 2008, pp. 67-68).

A Escola Cidadã é, sobretudo, espaço da amorosidade. O "fazer ver que se ama" torna-se caminho educativo que libera as energias que contagiam o ambiente para a construção de um mundo humanizado e solidário. A minha abertura ao relacionamento com o outro significa a minha abertura à alegria de viver. Esta alegria vivida plenamente, não oferece espaço para que me transforme num ser "superficial", "indiferente" e, muito menos "amargo e inflexível". A prática docente não se separa desta experiência alegre e prazerosa. Como bem afirmou Paulo Freire (1997: 160) "[...] Ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria".

O ambiente dialógico e solidário, vai aos poucos envolvendo todos os segmentos da escola na concretização do projeto político-pedagógico, re-significando a organização do cotidiano escolar, as relações, simultaneamente, edifica um ambiente alegre, cheio de vida que motiva o fazer pedagógico dos educadores, educandos e de toda a comunidade educativa.

Escola cidadã: um novo paradigma

A educação cidadã se configura como um novo paradigma para o atual momento do processo dialético que estamos vivenciando. Constitui-se como síntese entre escolarização e conscientização. Ou seja, uma formação educacional que não se

[6] Danilo Streck. Euclides Redin, Jaime José Zitkoski (Orgs). *Dicionário de Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

fundamenta somente na formação intelectual, mas que venha contribuir na formação política e social dos cidadãos e cidadãs.

Gadotti e Romão (1997)[7], afirmam que para a viabilização da gestão democrática e participativa no sistema educacional, seja municipal, estadual ou federal não basta somente a criação de Conselhos. Nem tão pouco imaginar que democratizar as eleições dos representantes e colegiados de escolas garante por si só a superação das práticas autoritárias, antidemocráticas e centralizadoras que inviabilizam uma gestão mais aberta, flexível e coletiva da escola. É preciso criar outros espaços de participação e convivência na escola, especialmente com referência ao trabalho pedagógico desenvolvido no ambiente escolar, a fim de despertar novas iniciativas, que possam romper com o desânimo que instaura um clima de pessimismo e fortalece as famosas resistências aos processos de mudanças.

O projeto Escola Cidadã diferencia-se por se acentuar em grau máximo a ênfase na participação, na autonomia, na co-gestão e na democratização das relações pedagógicas. Ela tem suas raízes no movimento de educação popular e comunitária que, na década de 80, se manifestou pela expressão "*escola pública popular*" (GADOTTI, 2000, p.47). Daí emergiu as primeiras bases da Escola Cidadã:

> A idéia e o projeto de uma Escola Cidadã nasceram, no Brasil, fortemente enraizados no movimento de educação popular e comunitária da década de 1980 e início de 1990 e se traduziu pela expressão "Escola Pública Popular" (Paulo Freire). Designa por "Escola Cidadã" uma certa concepção e uma certa prática da educação "para e pela cidadania". [...] Sua maior ambição é contribuir na criação das condições para o surgimento de uma nova cidadania, como espaço de organização da sociedade para a defesa de direitos e a conquista de novos. Trata-se de formar para a gestão de um novo espaço público não-estatal, uma "esfera pública cidadã", que leve a sociedade a ter voz ativa na formulação de políticas públicas (GADOTTI, 2004, p.106)[8].

Hoje, quando emerge uma nova visão antropológica, é preciso repensar a educação. O desenvolvimento da Ciência e da tecnologia gera formas de controle até à manipulação dos processos vitais, que fragmentam o conceito de pessoa, entendida como única e irrepetível. A identidade está comprometida e fragmentada, imersa no presente e fortemente condicionada pelas emoções.

---

[7] Livro organizado por Moacir Gadotti e José Eustáquio Romão: *Autonomia da Escola: princípios e propostas.* São Paulo: Cortez/IPF, 1997. Pesquisa On-line: 17.07.2008.

[8] Idem nota 5.

Transmitir conteúdos aos educandos não é suficiente para que eles compreendam os valores da cultura onde está inserido: ensinar que a terra é patrimônio da humanidade, que não deve ser violada, não desenvolve a competência humana do amor e do cuidado à vida. Há que se ir muito mais além para vivenciar a identidade e acima de tudo, a consciência terrena, que dá à pessoa a responsabilidade pela sua vida e pela vida do outro.

Ora, as instituições educativas devem propiciar a participação de todos na elaboração de regras e normas e não apenas "impor" ordens, para que as pessoas envolvidas no processo não sejam apáticas, sem clareza ou valores; despolitizadas, alienadas, com o raciocínio e a linguagem limitada. Os educadores são mediadores na formação de pessoas que abominem a violência, a indiferença, a hostilidade, o desamor e o individualismo. A sociedade precisa hoje de sentimentos e ações voltadas para a colaboração, respeito, diálogo, confiança, sinceridade, responsabilidade e tolerância às ambigüidades. Aproveitar a pré-disposição de crianças e jovens é papel fundamental do professor como contribuinte no despertar da consciência crítica.

A escola cidadã em face da violência

A violência em todas as suas formas preocupa-nos. Ela não está restrita a determinada instituição, cidade ou região. Atinge a malha social independente de localidade ou espaço (OLIVEIRA, 2002). A violência se interiorizou pelas capitais do país e infelizmente, hoje está presente em todos os lugares. As instituições educacionais, especialmente as públicas com o agravamento da realidade sócio-econômica e cultural dos últimos anos, receberam um grande número de crianças e jovens de todas as classes sociais. Sua proposta pedagógica, porém, não consegue contemplar esses novos usuários, configurando-se como cenários de revelação das práticas de violências.

A violência silenciada ou explicita está presente em todas as escolas, e envolve um número grande de educandos. Trata-se da manifestação do fenômeno *bullying*, que se define como um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, realizadas por um ou mais educandos contra outros, causando dor, angústia e sofrimento.

As instituições de Segurança Pública estaduais não oferecem mais garantia de segurança aos cidadãos. A proteção está desmantelada, pondo em risco a vida da sociedade, enfraquecendo, ao mesmo tempo, a convivência social e a solidariedade. A vida social se tornou um "salve-se quem puder", fortalecendo o lema "cada um por si e

Deus por todos". Bauman (2007) assegura que esse desequilíbrio social inibiu a administração do medo. O medo nos intimida e nos faz acreditar que o outro é inimigo, aquele que nos ameaça e deseja o nosso mal. Os "outros" são aqueles reconhecidos inadequados, desintegrados, proclamados descartáveis. Excluídos permanentemente. São "anti-sociais" que formam subcategorias de excluídos, dos socialmente desajustados, constituindo uma classe perigosa, sem espaço, vez e voz na sociedade.

Freire (2002) nos mostra que a relação de opressão obstrui a vocação histórica dos seres humanos de *seres mais*. "A desumanização, que não se verifica apenas nos que têm a sua humanidade roubada, mas especialmente ainda que de forma diferente, nos que a roubam" (FREIRE, 1993, p.30). Em outros escritos, ele nos adverte:

> É por isso que o opressor se desumaniza ao desumanizar o oprimido, não importa que coma bem, que vista bem, que durma bem. Não seria possível desumanizar sem desumanizar-se tal a radicalidade social da vocação. Não sou se você não é, não sou, sobretudo, se proíbo você de ser (FREIRE, 1999, p. 99).

A violência manifesta-se como um "enigma" sério para as instituições educacionais. Fante (2005) mostra que a violência escolar põe em "xeque" o cerne dos valores por ela assumidos e sua capacidade de ensiná-los, instaurando uma desconfiança, que vai aos poucos destruindo os relacionamentos e a possibilidade de construção de uma escola com atitudes mais humanas. A violência, o desrespeito à individualidade e o abuso intencional que fere a pessoa, implica segundo Streck (2008) "Uma transgressão de valores e desrespeito à alteridade" (STRECK, 2008, p. 420).

Pesquisadores[9] acerca da violência na escola afirmam que esse tipo de violência pode ser enfrentado a partir da organização da própria comunidade educativa. Eles concordam com a possibilidade de superação, bem como com a prevenção, marcada pelo investimento material nas escolas públicas; por uma gestão mais aberta, flexível, que crie espaços para os pais e os educandos conquistarem a participação ativa nas deliberações e na organização do cotidiano escolar.

Isso se realiza através do incentivo às atividades culturais, ao diálogo; à criação de encontros informais, como no portão e pátio da escola; festas, reuniões formativas, confraternização, fortalecendo as relações simétricas e democráticas; relações de confiança e de comprometimento com a construção da escola. Essas estratégias são alternativas de redução das tensões e erradicação dos conflitos. A produção de sentidos

[9] Abramovay& Rua (2004), Arendt (1979), Fante (2005), Guareschi (2008) e outros.

para a convivência e táticas não-violentas para a resolução de conflitos é, de acordo com Fante (2005) essência para a superação da violência na escola.

O que isso implica na construção da escola cidadã? Implica em um grande esforço na formação dos educadores, a uma adequação dos currículos escolares e do projeto político pedagógico, incorporando em sua constituição uma cultura pacífica, que respeite a individualidade de cada um. Devem-se considerar os conteúdos regulares e oficiais a serem acrescidos dos componentes éticos, que complementam a formação do cidadão indissociável do ser, levando em conta o currículo da ciência do "eu".

Teles (1995) elucida que a "responsabilidade; justiça; amor; auto-estima; sinceridade; solidariedade; e diálogo são valores essenciais que deverão estar contidos nas praticas educativas" (TALES, 1995, 12). São palavras-chaves que devem compor o universo vocabular de todos os educadores, que interdisciplinarmente trabalharão com coerência e consistência.

A construção da aprendizagem do aluno trilha por caminhos que devem ser partilhados por educadores que estimulem o desejo de participação, transformação do espaço escolar e comunitário para consolidação dos valores coletivos.

Contemplará assim a atual juventude apática, despolitizada, alienada, cujos valores não expressam o sentido da vida e o dinamismo próprio desta idade. Compreende-se que alguma coisa está "remando" contrário aquilo que chamamos de "educação e vida com qualidade". Novos caminhos são descobertos a partir do cultivo de novas habilidades de pensar:

> Sabe-se que esta decisão em tomar novos caminhos requer habilidades de pensar. O papel das instituições educativas e, principalmente, da escola, é orientar os educadores a pensar e refletir. Cultivar o desenvolvimento das habilidades de raciocínio através da discussão de temas da atualidade e do cotidiano das pessoas, "ajudará" não somente na aprendizagem acadêmica, como na de inferir, comparar, relacionar, classificar, definir e deduzir, criticar, fazer analogias, bem como se desenvolver valores positivos e posicionar-se diante da vida (TELES, 1995, p. 12).

As habilidades citadas pela autora são imprescindíveis para a aprendizagem dos conteúdos escolares, mas acima de tudo, para situar-se no ambiente social e cultural como ser pensante, alguém que enfrenta a realidade como algo inacabado, mas que deverá ser feito constantemente, correr riscos e incertezas.

Esta prática educativa reduz as possibilidades da instituição educacional se tornar local da revelação da violência velada ou explícita e fortalece o diálogo entre a cultura científica e a cultura popular, diminuindo o enrijecimento curricular típico da escola tradicional, igualmente, sinaliza a simetria entre os saberes e a superação da reprodução de desigualdades.

A escola cidadã acentua o caráter histórico da violência que, mesmo forte e com disseminação acelerada, não é insuperável ou inevitável. Se a violência reforça a descrença na sociabilidade, ao contrário, práticas significativas realizadas nos ambientes educacionais das escolas públicas com o intento de educar para a paz ratificam a indispensabilidade dos laços humanos e a credibilidade que eles despertam, inspirando um ambiente protetor, de acordo com as reflexões de Abramovay e Avancini (2004), e por Fante (2005).

É importante desmistificar também o preconceito referente às crianças e jovens das classes populares, que vincula pobreza à violência e que faz acreditar que só existe violência na escola pública. São justamente as práticas significativas nas escolas públicas, acusadas de serem a mais violentas, inspiradas nos princípios da educação cidadã, não só desestabilizam essa crença, mas oferecem alternativas de mudanças.

Importa salientar que o projeto escola cidadã não se configura como modelo acabado ou perfeito. Com referência às práticas de violências, elas põem em questão, permanentemente, as relações assimétricas e relações de poder num sistema em que a escola ainda não é de fato, autônoma, e em seu currículo não se configura uma proposta totalmente inclusiva. Porém, se torna necessário, independente das políticas educacionais garantirem ou não a superação total da violência, emergir atitudes significativas da própria escola e comunidade, que ajudem a compreender, interpretar e propor a erradicação deste problema, inspirando mudanças significativas nas práticas da comunidade educativa.

Relações: Matéria-prima na construção da Escola Cidadã

O ser humano é um ser sociável e como tal, lhe é intrínseca a necessidade de estabelecer relações. Na família, no trabalho e, em particular no âmbito escolar construímos relações que vêm imbuídas em um conjunto de regras que regulam a nossa vida no espaço educativo e social.

É possível afirmar que a essência de uma escola, bem como de qualquer instituição, seja ela familiar, empresarial, educacional, deve ser as relações interpessoais. Essas relações não devem ser buscadas na materialidade das estruturas físicas, porque aí se constituirá na "superficialidade". Devem ser percebidas na forma como a instituição se organiza, nas suas implicações e intensidade.

Percebe-se ainda a exigência de um modelo educativo relacional que ajude as novas gerações a amadurecerem na acolhida de si mesmos e no encontro positivo com os outros. O agora nos interpela a agir com significatividade na realidade complexa, multi-religiosa e multicultural do tempo presente, mediante um diálogo aberto, inteligente e construtivo.

A proposta de educação libertadora compartilhada por Freire tem no diálogo as categorias centrais de um Projeto Político Pedagógico crítico. Parafraseando Paulo Freire, Streck (2008) apresenta a concepção do diálogo como processo dialético:

> O diálogo é a força que impulsiona o pensar crítico-problematizador em relação à condição humana no mundo. Através do dialogo podemos dizer o mundo sendo nosso modo de ver. Além disso, o diálogo implica uma práxis social, que é o compromisso entre a palavra dita e a nossa ação humanizadora. Essa possibilidade abre caminhos para repensar a vida em sociedade, discutir sobre nosso ethos cultural, sobre nossa educação, a linguagem que praticamos e a possibilidade de agirmos de outro modo de ser, que transforme o mundo que nos cerca (STRECK, 2008, p.130).

Fundamentado numa visão unitária da pessoa e do seu processo de crescimento, o nosso trabalho educativo deve ser pautado pela confiança que a pessoa cresce e amadurece em todas as dimensões, através da experiência relacional que a ajuda a unificar, ao redor dos valores importantes, o próprio dinamismo cognitivo, afetivo, motivacional e social.

Mas, diante de tudo isso, o que é relação? Como ela se estabelece no cotidiano escolar? Quando esta interrogação emerge, visualizamos que a relação é troca, é comunicação entre as pessoas. Porém, ela não é só isso. Traz em si um significado muito maior e significativo. Ilustrando essa reflexão, Guareschi (2008), nos diz que,

> Relação é o ordenamento, o direcionamento *intrínseco*, isto é, do próprio ser, em direção ao outro. Mas esse ser, essa realidade, continua sendo *singular*, com a diferença, que há nela algo que, necessariamente, isto é, na sua própria definição, a obriga a se ligar a

> outro, a incluir em si um outro, os outros (GUARESCHI, 2008, p. 24-25).

Nesta mesma perspectiva, Freire (1993), diz que através do diálogo podemos olhar o mundo e a nossa existência em sociedade como processo, algo em construção, como realidade inacabada e em constante transformação:

> Ação e reflexão, de tal forma solidárias, em uma interação tão radical que, sacrificada, ainda que em arte, uma delas, se ressente, imediatamente, a outra. Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo (FREIRE, 1993, p. 77).

A concretização da relação requer esse caminhar em direção ao outro, com respeito à sua individualidade, às diferenças; na abertura ao diálogo e na co-responsabilidade. O termo relação tem como definição ser capaz de se ligar ao outro, sem perder a própria individualidade. Dentro desse processo relacional ocorre também o conflito, as tensões próprias da convivência, mas que podem ser solucionadas a partir da comunicação dialogal.

Não é possível concretizar a escola cidadã sem a ética nas relações. Ela é a essência da convivência em sociedade. Na sociedade capitalista-liberal a ética nas relações não existe. Ela foi individualizada, retirando a dimensão de relação. Há sim uma relação de mercado, de culto ao lucro e ao individualismo.

Na verdade, a ética nas relações contrapõe a essa realidade. Porém, segundo Guareschi (2008), não podemos ser éticos sozinhos. É na relação que construímos com o outro é que nos diz se somos éticos ou não. “Somos singulares, mas para sermos éticos, outras realidades são implicadas. E não podemos, portanto, jamais, sozinhos, afirmar e termos a certeza de que somos éticos.” (GUARESCHI, 2008, p.29).

Para Aristóteles, ética são virtudes, tais como: “temperança, coragem, prudência, magnanimidade.” Para este filosofo grego, ética é definida como uma “arte de viver”, é a busca pela felicidade. “A ética é a arte da escolha daquilo quem mais convém para se viver melhor” (MUNDO JOVEM, 2002, p. 08). Para essa busca é fundamental incluir traços de caráter. Já Kant pauta seus princípios na noção do dever: “ser ético é ter respeito pelos direitos alheios”. As pessoas nunca devem ser tratadas como meios, mas como fins em si.

Enquanto há luta por uma educação de qualidade coloca-se em pauta uma orientação que compreenda o ser integral, uma educação que seja dirigida à totalidade

aberta do ser humano para que de fato seja desenvolvido no todo e não apenas partes dos seus componentes. Isso caracteriza a escola cidadã. Porque preconiza o respeito à autonomia e à dignidade de cada um como um imperativo ético, condição necessária para viabilizar a cidadania e envolve a idéia de que,

> A Escola Cidadã [...] é a escola que viabiliza a cidadania de quem está nela e de quem vem a ela. Ela não pode ser uma escola cidadã em si e para si. Ela é cidadã na medida mesma em que se exercita na construção da cidadania de quem usa o seu espaço. A Escola Cidadã é uma escola coerente com a liberdade. É coerente com o seu discurso formador, libertador. É toda escola que, brigando para ser ela mesma, luta para que os educandos-educadores também sejam eles mesmos. E como ninguém pode ser só, a Escola Cidadã é uma escola de comunidade, de companheirismo. É uma escola de produção comum do saber e da liberdade. É uma escola que vive a experiência tensa da democracia (GADOTTI, 2004, p.107).

A complexidade do contexto sócio-cultural em que vivemos requer a elaboração de categorias conceituais que permitam interpretar e dar significado à realidade, em vista da promoção de uma cultura da vida. Vejo a Escola Cidadã como uma alternativa ímpar na concretização da "Escola para toda a vida", ou seja, uma escola que deixe marcas relevantes na vida pessoal e social dos educandos. Creio que sua concretização passa pela efetivação da ética nas relações. Então se assumirmos a ética como relação, conforme afirma Pedrinho Guareschi, "Muita coisa vai modificar em nosso modo de agir" (GUARESCHI, 2008: 30).

Considerações Finais

Sem pretender encerrar as discussões apontadas nesse trabalho sobre *a Escola Cidadã*, tema que não se exaure, pela sua atualidade e até mesmo porque a diversidade de embasamento que o cerca é rica para gerar um estudo contínuo a esse respeito. Vejo como importante estabelecer uma corrente de interação humana capaz de dar sentido ao quotidiano das pessoas e, influenciar positivamente as suas trajetórias de vida. Assim despertar-se-á a vocação humana para a transcendência, estreitando os laços sociais através da solicitude mútua, da autentica relação social, do respeito, da sensibilidade, da paz e da solidariedade.

Nas palavras de Freire, educar para a cidadania nas escolas é fazer dessas escolas um lugar de encontro e de diálogo, que possibilite olhar o outro, conviver com sua

individualidade, com suas diferenças. O pensamento de Freire é fonte de inspiração à toda proposta de educação para a cidadania que busque erradicar todas as formas de manifestação das violências nas escolas. Ela é atual, e incorpora a abertura para a alteridade, para o respeito e o diálogo com vistas à transformação pela educação.

A *Escola Cidadã* está em processo contínuo de construção com base na ousadia, na criatividade, na vontade e na ação política de pessoas comprometidas com a educação atual; sujeitos concretos que não se conformam diante do descaso com os bens públicos, que buscam sem cessar repensar as suas próprias práticas, são conscientes e críticos na sua cotidianidade, a fim de efetivar a cidadania nos processos educativos.

Vale dizer que no estudo destacam-se muitas perguntas e poucas respostas conclusivas sobre o projeto *Escola Cidadã*. A relevância do trabalho está em levantar pontos de reflexão onde o processo educacional possa ser construído na relação indivíduo-escola e meio social, almejando a edificação da Cidadania para todos, mediante a boniteza do ensinar e construir relações humanizadoras, mediante a prática de uma ansiada cultura cidadã:

> A beleza existe em todo lugar. Depende do nosso olhar, da nossa sensibilidade, depende da nossa consciência, do nosso trabalho e do nosso cuidado. A beleza existe porque o ser humano é capaz de sonhar. Aprender e ensinar com sentido é aprender e ensinar com um sonho na mente. Ensinar vem de do latim "insignare", que significa "marcar com um sinal", indicar um caminho, um sentido. Somos essencialmente profissionais do sentido. Educamos quando ensinamos com sentido. Educar é impregnar de sentido a vida. A profissão docente está centrada na vida, no bem viver. Muitas crianças e jovens chegam hoje à escola, muitas vezes, sem saber porque estão aí. Não vêem sentido no que estão aprendendo. Querem saber, mas não querem aprender o que lhes é ensinado. E aí entra o papel do professor: construir sentido, transformar o obrigatório em prazeroso, selecionar criticamente o que devemos aprender [...]. Esse profissional transforma informação em conhecimento. Conhecimento é a informação que faz sentido para quem aprende. (GADOTTI, 2004, p. 108).

Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, Mirian & RUA, Maria das Graças. **Violências nas Escolas**. Brasília: UNESCO et all, 2004.

ARENDT, Hannah. Crise na Educação. In: **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo, perspectivas, 1979.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying**. Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: VERUS, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança:** Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 36ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993/2002.

GADOTTI, M. Colaboradores. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

GADOTTI, Moacir e José Eustáquio Romão. **Autonomia da Escola:** princípios e propostas. São Paulo: Cortez/IPF, 1997. Pesquisa Online: 17.07.2008.

GUARESCHI, Pedrinho. A. & Michele Reis da Silva (Coord). **Bullying:** mais sério do que se imagina. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

MUNDO JOVEM. Um jornal de idéias. **Alimento existe.** Por que a fome? Ano XI, n. 328, 2002.

OLIVEIRA, Nilson Vieira (Org.) Insegurança **Pública:** Reflexões sobre a criminalidade e a violência urbana. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

Revista do ISEP: **Fórum Crítico da Educação.** Programa de Mestrado em Ciências Pedagógicas. Instituto Superior de Estudos Pedagógicos. – v.1, n.1 (out./2004). Rio de Janeiro

STRECK, Danilo. Euclides Redin, Jaime José Zitkoski (Orgs). **Dicionário de Paulo Freire.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

TELES, Maria Luiza Silveira. **Filosofia para Crianças e Adolescentes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.